SLADE, Peter. O Jogo Dramático Infantil. Tradução: Tatiana Belinky – São Paulo: Summus, 1978.

SOUZA, Juliana Barbachã; A criação e manipulação de bonecos no processo de aprendizagem teatral da criança. (2014). Disponível em:

<http://wp.ufpel.edu.br/geppac/files/2014/02/TCC_JULIANA-BARBACH%C3%83-SOUZA.pdf> Acesso em: 12 julho 2018.

AFETIVIDADE E ARTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CLEONICE NASCIMENTO MINEIRO

RESUMO

O estudo dos processos de formação inicial envolve a compreensão da arte como componente prioritário para desenvolvimento infantil. No contexto dos processos de ensino e aprendizagem estas concepções tomam uma proporção de maior relevância, pois que os mesmos são a gênese de outros processos que surgem ao longo da vida, os quais, apesar de diferenciarem-se entre si, incorporam a afetividade. Desse modo, é observável a influência da arte no aprendizado como proposto pelas teorias, as quais proporcionam uma interpretação acerca do tema. Notadamente na Educação Infantil, a afetividade se apresenta como componente decisivo, por isso, torna-se necessário o conhecimento por parte dos profissionais que atuam na docência, cujo resultado implica refletir sobre a qualidade das relações afetivas com o êxito no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Desenvolvimento infantil; Educação.

1 INTRODUÇÃO

A criança, desde que nasce, depara-se com um repertório de símbolos e significados construídos pelas gerações que a precederam e, participando das práticas culturais do seu grupo, reconstrói os significados do mundo físico, psicológico, social, estético e cultural.

A afetividade pode ser compreendida como elemento essencial para o desenvolvimento em todas as etapas da vida humana, desde o nascimento. Observa-se que as particularidades inerentes a esse contato são variáveis de acordo com cada uma dessas fases, podendo ser compreendidas como aquelas exigências para que ocorra a adaptação do indivíduo àquilo que supre suas necessidades. No início do processo de escolarização, compreendido como Educação Infantil, a afetividade não possui papel secundário, ao contrário, pois representa uma nova fase na vida da criança, na qual a mesma passa a incorporar um novo contexto representado pela escola e a extensão de suas relações interpessoais.

Dentre os estudiosos de tais particularidades e da influência da afetividade na Educação Infantil pode-se indicar a obra de Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879- 1962), que buscou na percepção acerca da evolução psicológica da criança e de outras questões inerentes à sua gradativa evolução a compreensão acerca da qualidade e da influência dos fenômenos afetivos, abordando o tema sob a ótica principalmente das relações

interpessoais. Assim, a correlação entre os possíveis obstáculos surgidos na Educação Infantil encontra na afetividade um ponto de inflexão, pois passa a ser um dos objetos de investigação na medida em que têm influência comprovada nesta etapa do processo de ensino. A conceituação da emoção e dos outros processos que se relacionam à afetividade passa a incorporar estes objetivos, compreendendo a existência de uma relação de reciprocidade entre o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento psíquico.

No bojo dessas afirmações, o presente artigo busca analisar a contribuição de Wallon para a compreensão da influência da afetividade no processo de aprendizagem escolar na Educação Infantil. O trabalho objetiva especificamente a compreensão conceitual acerca da afetividade e arte, e das particularidades inerentes à educação infantil. A partir da análise de outras contribuições de autores sobre o tema, a problemática a ser considerada trata quais são os demais aspectos, além do cognitivo, que devem ser privilegiados para o adequado andamento da aprendizagem na educação infantil na perspectiva de Wallon.

No bojo dessas afirmações, o presente artigo busca analisar a contribuição de Wallon para a compreensão da influência da afetividade no processo de aprendizagem escolar na Educação Infantil. O trabalho objetiva especificamente a compreensão conceitual acerca da afetividade e arte, e das particularidades inerentes à educação infantil. A partir da análise de outras contribuições de autores sobre o tema, a problemática a ser considerada trata quais são os demais aspectos, além do cognitivo, que devem ser privilegiados para o adequado andamento da aprendizagem na educação infantil na perspectiva de Wallon.

2. DESENVOLVIMENTO

Uma das contribuições centrais de Wallon (2007) acerca da influência da afetividade no contexto da Educação Infantil está em dispor de uma conceituação diferencial sobre emoção, sentimentos e paixão, incluindo todas essas manifestações como um desdobramento de um domínio funcional mais abrangente: a afetividade, sem, contudo, reduzi-las uns aos outros. O autor destaca a ligação indissolúvel entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico do indivíduo, afirmando que não existe preponderância do desenvolvimento psíquico sobre o desenvolvimento biológico, mas uma ação recíproca. Há, portanto, uma incessante ação recíproca do ser vivo e do seu meio.

Na perspectiva Walloniana sobre a afetividade, é pontuado que essas relações afetivas podem ser boas ou ruins, isso dependerá do momento vivido pelo sujeito. Logo, o autor afirma que os fenômenos que se relacionam à afetividade demonstram o modo como os acontecimentos influenciam na natureza humana, trazendo como resultados um conjunto de reações de diferentes matizes que indicam seu modo de vida. No contexto desses fenômenos, as ações e reações dos semelhantes se tornam as mais importantes, trazendo às relações humanas uma característica dramática, onde passa a ser adequada a compreensão da afetividade como qualidade das relações humanas e das experiências delas derivadas (WALLON, 1997).

O poder exercido pelo afeto sobre a prática educativa nota-se pela correlação entre o desenvolvimento infantil ligado ao cam-

po biológico, bem como o desenvolvimento ligado ao deleito intelectual da criança. A aprendizagem escolar precisa ser analisada a partir de fenômenos estruturais mais complexos, que englobam todos os campos da vida da criança. Segundo Wallon (1995,) a criança na pré-escola "[...] atribui a emoção como: os sentimentos desejos e manifestações da vida afetiva demonstram os sentimentos como um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano." As emoções para Wallon, possuem um papel fundamental para o desenvolvimento da pessoa, é por meio delas que a criança mostra seus desejos e suas vontades, enfatizando que a afetividade é um dos principais elementos para o desenvolvimento humano.

Wallon observa que o meio é um componente indispensável para o ser vivo, que deve ser convergente às suas aptidões e necessidades, sensório-motoras e psicomotoras. Deve ser considerada a gradativa condição em que o ser humano situa suas necessidades e observar que a constituição inicial da criança não será definitiva, e que sua adaptação de fará essencial (WALLON, 1975). A afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas (ALMEIDA; 1999, p.50).

Conforme Wallon (1968), a criança aprende por meio de trocas sociais, sendo que uma delas é a imitação. No entanto, a princípio, a criança está ligada à mãe e somente aos poucos diferencia outras pessoas que fazem parte de sua vida, sendo que sua sociabilidade se amplia principalmente quando consegue andar e falar. Somente no estágio do personalismo, que vai dos três aos cinco anos, que a criança se diferencia realmente do outro, tomando consciência de sua autonomia e percebe as relações e papéis diferentes dentro do universo familiar. Ao mesmo tempo, a criança se situa como um elemento fixo.

Na etapa Categorial, que é de escolaridade obrigatória no Brasil, o desenvolvimento cognitivo da criança está mais desenvolvido e a sua sociabilidade possibilita que participe de vários grupos com níveis e classificações diferentes, conforme as atividades de que faz parte. Nessa etapa, algumas metodologias podem ser de grande importância para o aprendizado, como o emprego de desenhos, enquanto formas de expressão.

O desenho é há muito defendido como importante meio de transmissão de conhecimento no âmbito escolar. O desenho, que é uma forma de expressão, é revelador de pensamentos, porque também é uma forma de linguagem. Pelo desenho a criança demonstra o conhecimento conceitual que tem da realidade e quais os aspectos mais significativos de sua experiência. Juntamente com o brincar, o desenho é a forma de expressão privilegiada pela criança (WALLON, 1968).

Na adolescência, que começa aos doze anos, a ocorrência de mudanças fisiológicas faz com que os sentimentos se alternem, buscando a consciência de si mesmo na figura do outro. A responsabilidade é um dos sentimentos que o educador deve promover no adolescente, já que ela pode contribuir para a mobilização dessa faixa etária graças às suas características específicas, já

que ela representa, segundo Wallon (1975), um direito de domínio e um dever de sacrifício, o que significa que o adolescente responsável é aquele que deve se sacrificar de modo maior por tarefas sociais que contribuem para o crescimento e desenvolvimento de todos.

Para ou autor, o processo de socialização da pessoa não ocorre apenas nas relações interpessoais nas diversas etapas do desenvolvimento e da vida adulta, mas inclusive no contato com a produção das outras pessoas. A visão do texto, da pintura ou da música produzida pelo outro, propicia a identificação como homem genérico e, ao mesmo tempo, a diferenciação como homem concreto, o que contribui ao processo de individualização. Desse modo, conforme Wallon (1968), a cultura geral aproxima as pessoas, na medida que permite a identificação de uns com outros. Ao contrário, a cultura específica e o conhecimento técnico afasta, por meio da individualização e diferenciação.

O papel do professor como facilitador da aprendizagem da criança pode ser considerado principalmente sob a perspectiva mediadora. No cotidiano da sala de aula, essas situações de conflito entre os alunos e destes com o professor são comuns; surgidas de fatores diversos. Nesses momentos, a afetividade é intensa, há irritação e medo, sendo que as crises emocionais são frequentes, proporcionando muitas vezes o descontrole e a redução no discernimento para a resolução de tais conflitos. Logo, a emoção só será compatível com os interesses e a segurança do indivíduo se souber se compuser com o conhecimento e o raciocínio, seus sucessos, ou seja, se em parte, deixar- se reduzir (ALMEIDA, 1999).

O professor pode adquirir a postura de facilitador, favorecendo a aprendizagem ou, não atuando de modo correto, bloqueando o desenvolvimento do aluno. Os sentimentos não podem ser negligenciados, mas desenvolvidos, pois fazem parte de suas habilidades e competências necessárias ao crescimento. Maldonado (1994), afirma que o afeto pode estar escondido sob mágoa, medo, desconfiança, tristeza, ressentimento, decepção, vergonha e raiva.

Fernández (1991), afirma que no transcurso do desenvolvimento que os vínculos afetivos vão se ampliando na figura do professor e na relação de ensino e aprendizagem. Diz também, que para haver aprendizagem é necessário que haja no mínimo dois personagens, o professor e o aluno, numa relação de necessária confiança, pois não aprendemos de qualquer um, mas aprendemos daquele a quem outorgamos o direito de ensinar.

Quanto à influência do professor, urge considerar que a mesma deve se expressar, no contexto da afetividade, na condição de proporcionar a integração entre o que o aluno ama e o que pensa, conciliando razão e emoção. A criança ainda tem dificuldade de se assumir como ser moral e por isso carece do adulto para exercer a orientação e direcionamento de suas atividades. As questões afetivas podem interferir no processo de aprendizagem, principalmente da criança, já que a afetividade acompanha o ser humano desde a sua vida intrauterina até a morte, manifestando-se como uma fonte de energia, comparada ao “alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional (BARROS, 2003).

A percepção, por parte do educador, a respeito dos possíveis prejuízos no aprendizado relacionados à afetividade, tem como

principal elemento a análise geral que envolve seu comportamento, que se relaciona a fatores extraescolares. As estratégias a serem adotadas compreendem posturas interdisciplinares, mas especificamente em relação ao professor, as mesmas carecem do levantamento das situações que podem ser proporcionadoras do bloqueio (FERNANDÉZ, 2001).

Esta afirmação concorda com os estudos de Wallon (1995), que afirma que a afetividade se baseia numa perspectiva histórico-cultural, defendendo em sua teoria da Psicogênese da Pessoa Completa, onde a dimensão afetiva, ao longo de todo o desenvolvimento do indivíduo, tem um papel fundamental para a construção da pessoa e do conhecimento. Nesse contexto abrangente, as situações ligadas ao meio social e natural relacionado à criança podem ter influência direta no processo de ensino.

Para Pires, Naturalmente as crianças entram em contato com o mundo sensível, agindo sobre ele com afeto, cognição, motricidade; e constroem para si um repertório perceptivo de formas, cores, texturas, sabores, gestos e sons, atribuindo a este mundo, sentidos e organizações diferentes. O professor deve considerar essas significações já construídas e colocar o desafio de construir outras.

O lúdico, o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a criatividade, o conto de fadas, fazem parte de um momento em que as crianças se expressam, comunicam e transformam a vida na relação com a arte, ou seja, “somos potencialmente criadores, possuímos linguagens, fazemos cultura” (PIRES, 2009, p. 47).

A vivência do mundo simbólico e a ampliação das experiências perceptivas que fornecem elementos para a representação infantil dão-se no contato com o outro. O professor pode, através do trabalho com o aprimoramento das potencialidades perceptivas, enriquecer as experiências das crianças de conhecimento artístico e estético e isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, tocar, enfim, perceber as coisas, a natureza e os objetos à sua volta.

Na fase da educação infantil as atividades artísticas contribuem com ricas oportunidades para seu desenvolvimento, uma vez que põem ao seu alcance diversos tipos de materiais para manipulação, além da arte espontânea que surge em brincadeiras ou a partir de uma proposta mais direcionada.

Parafraseando Almeida, o professor precisa dar oportunidades para que o aluno se expresse de forma espontânea, pessoal, porém é importante que o mesmo consiga analisar o contexto da atividade e quais benefícios ela trás para o desenvolvimento da criança. Conforme diz Almeida, a maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para o aluno, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder “Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?”. (1992, p. 48).

O professor de educação infantil, sgundo Maria e Zuleika, busca proporcionar atividades artísticas criando símbolos que expressem sentimentos e pensamentos, portanto, para que isso aconteça é necessário planejar, orientando e avaliando as atividades, ou seja, o professor deve ser um observador atento e sensível, buscando sempre novas técnicas e recursos para explorar a arte na sala de aula, contribuindo assim para

o desenvolvimento do seu aluno. Lavelberg afirma que:

é necessário que o professor seja um "estudante" fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes. (2003, p. 12).

3. DISCUSSÃO

Observa-se que o desenvolvimento da criança carece de modo direto das relações de afetividade, sem as quais surgem diferentes lacunas a serem preenchidas, normalmente em etapas posteriores ao que poderia ser adequado. Desse modo, a contribuição efetiva das análises e constatações de Wallon podem ser situadas num contexto de atribuição de uma relação de dependência entre afetividade e desenvolvimento no aprendizado, onde a pedagogia passa a carecer diretamente da apropriação do conhecimento técnico necessário à compreensão da influência dos caracteres afetivos no tocante ao aprendizado, bem como de metodologias capazes de explorar esses elementos.

Ao indicar a base orgânica da afetividade, Wallon resgata a organicidade na formação da pessoa, indicando que o meio social transforma de modo gradativo a afetividade orgânica, tornando suas manifestações voltadas à socialização e desenvolvimento humano.

Nesse contexto, é possível compreender que o aspecto cognitivo é apenas mais um dos elementos a serem privilegiados nos processos de ensino, sendo que a afetividade possui uma importância superior por indicar as possíveis vulnerabilidades inclusive no universo cognitivo, já que compreende o ser em sua integralidade, seus obstáculos e seus potenciais. Desse modo, a concepção de Wallon a respeito da afetividade demonstra a importância da mesma na troca representada pela aprendizagem, onde o professor representa importante papel mediador, numa relação dialógica que pode determinar o êxito ou o fracasso desse processo.

Assim, os autores que fazem suas análises em consonância com o pensamento de Wallon definem, de modo geral, a dimensão desta influência, compreendendo-a como algo indubitavelmente necessário à qualidade e efetividade do aprendizado.

4 **CONCLUSÃO**

O presente estudo buscou sintetizar o pensamento de Wallon e sua contribuição para a compreensão acerca da influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Espera-se que o mesmo possa subsidiar a pesquisa acerca do tema, de influência interdisciplinar e de grande relevância no contexto tanto da psicologia quando da educação. Urge compreender, entretanto, que Wallon não pretendia desenvolver um método, mas demonstrar que uma pedagogia progressista é possível e necessária, considerando, inclusive, que a sociedade também não age de forma estática, o que indica que o educando se insere num contexto que inova e se renova, tornando imprescindível a existência de uma nova visão de mundo através da arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. (1993). Rentabilizar o